

CONHECIMENTOS E COMPORTAMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE
FATORES DE RISCO PARA USO DE DROGASFabiana Albertim Kaiser¹
Cynthia Borges de Moura²

Resumo: O uso de drogas na adolescência está relacionado a inúmeros fatores biopsicossociais. Pesquisas apontam que: envolvimento com pares que usam drogas, afastamento da família, abandono da escola, e disponibilidade das drogas são fatores de risco. Já o apoio familiar, laços com instituições sociais e a participação em atividades extracurriculares são fatores de proteção. Este estudo teve como objetivo identificar como um grupo específico de adolescentes pensa e se comporta diante das drogas. Participaram 22 adolescentes do Projovem Adolescente de Foz do Iguaçu - PR, com idades entre 14 e 18 anos. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada. Os resultados mostraram que o uso de drogas para esses adolescentes se inicia por curiosidade, pressão dos pares ou pela disponibilidade das drogas. A maioria deles não relacionou álcool como droga, o que mostra que as informações recebidas ainda são insuficientes. Percebeu-se que os jovens sabem como conseguir drogas (25,5% relacionam traficantes e 21,3% citam pessoas próximas) e percebem a família enquanto fator de risco (16,7%) e proteção (27,5% e 21,7%). Também reconhecem as amizades enquanto fator de risco (26%). Conclui-se que é importante ouvir conhecimentos e necessidades dos adolescentes para planejar ações preventivas e também focar estas ações na família.

Palavras-chave: fatores de risco, fatores de proteção, adolescência, drogadição.

Abstract: Drug use in adolescence is related to several biopsychosocial factors. Research indicates that risk factors are linked

¹ Psicóloga do Centro de Referência Especializado de Assistência Social de Foz do Iguaçu. Mestre em Análise do Comportamento.

² Cynthia Borges de Moura, psicóloga, doutora em Psicologia Clínica, docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

to involvement with peers who use drugs, separation from family, school dropout, availability of drugs, among others. Have protective factors are related to family support, social ties with institutions and participation in extracurricular activities. This work aims to identify how they think and behave teens on drugs. A study with 22 teenagers teenager Projovem Foz do Iguaçu, from semi-structured questionnaire. The results show that the use of drugs for adolescents begins with curiosity, peer pressure or the availability of drugs. Most of them did not relate alcohol as a drug, which shows that the information received is still insufficient. It was noticed that young people know how to get drugs (25.5% and 21.3% relate traffickers mentioning people close) and they perceive the family as a risk factor (16.7%) and protection (27.5% and 21,7%). Also recognize friendships as a risk factor (26 %). It is concluded that it is important to listen knowledge and needs of adolescents when thinking about preventive actions and these actions also focus on family.

Keywords: risk factors, protective factors, adolescence, ad-

Introdução

A adolescência é um período do desenvolvimento com características muito peculiares devido às transformações físicas, psicológicas e cognitivas (PAPPALIA, 2010). Na adolescência, segundo Aberastury e Knobel (2008) e Bartholomeu et al. (2014), há dez características esperadas: a busca da identidade adulta, a necessidade de formar grupos, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, as crises religiosas, a “distemporalidade”, a evolução sexual, a atitude social reivindicativa, as contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, a separação dos pais e as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. Essas características, combinadas a fatores contextuais, como família, condição socioeconômica e amigos, e a sua história de vida, fazem com que ele esteja mais vulnerável a diversos fatores de risco. Jinez, Souza e Pillon (2009) afirmam que entre estes fatores podem estar o envolvimento com o uso de drogas e o compor-

tamento delinquente.

Diante do crescimento dos problemas relacionados ao abuso de substâncias no Brasil, foram necessários investimentos na modificação de políticas públicas e sociais, de justiça e de saúde pública. De 2007 a 2013, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome do Governo Federal manteve o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes e Jovens de 15 a 17 anos – o Projovem Adolescente (BRASIL, 2009), que tinha por foco o fortalecimento da convivência familiar e comunitária, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino. Em sua maioria os jovens-alvo do programa provinham de famílias beneficiárias do Bolsa Família, ou eram encaminhados pelos serviços de Proteção Social Especial do SUAS ou pelos órgãos do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente.

É neste contexto que se insere o presente estudo que buscou investigar o que sabem e como se comportam os adolescentes participantes do Projovem Adolescente do território Norte do município de Foz do Iguaçu em relação ao uso e abuso de substâncias psicoativas. Tal levantamento poderia subsidiar as ações protetoras tendo os adolescentes como protagonistas tanto na proposição, quanto na execução das ações.

A adolescência, para Jinez, Souza e Pillon (2009) pode ser entendida como uma fase caracterizada por conflitos e exploração do mundo. Os conflitos internos e com a família tornam-se comuns e acabam por aumentar a vulnerabilidade dos jovens à situações como o uso de drogas, comportamento delinquente e conduta sexual de risco. Os riscos sociais e pessoais podem ser entendidos como fatores que impactam o processo de desenvolvimento biopsicossocial do sujeito, ou mesmo limitam a sua qualidade de vida.

O grupo de pares representa um dos fatores de risco para o consumo de substâncias entre os adolescentes, no entanto, segundo Tomé (2015) a natureza dessa relação ainda não é muito clara. Os pares podem tanto servir como modelos e influenciar comportamentos e atitudes, quanto providenciar acesso, encorajamento e contextos sociais apropriados ao consumo (GLASER, SHELTON & BREE, 2010).

Hoffmann (2006) encontrou em sua pesquisa uma forte associação entre o relacionamento com amigos que fazem uso de álcool e o uso de álcool entre os adolescentes. O uso de maconha

também pode se iniciar a partir de relacionamentos com amigos antissociais (BRANSTROM, SJOSTROM, ANDREÁSSON, 2007; NATION, HEFLINGER, 2006; SIGFÚSDÓTTIR et al, 2008; GUTIÉRREZ, CERDA, NEMEGYEI, 2006).

A disponibilidade de álcool e drogas, além, da oferta direta destas substâncias pelos pares ou pelos próprios pais tem influência significativa no uso das mesmas pelos adolescentes, de acordo com Branstrom, Sjostrom, Andreásson (2007) e Sigfúsdóttir et. al. (2008). Estes autores acreditam que as relações familiares e o grupo de amigos são preditores para o uso de substâncias, pois o envolvimento com amigos que usam drogas aumenta a probabilidade de que o adolescente se comporte semelhantemente. (STRONSKI et. al., 2000, NATION & HEFLINGER, 2006, DANIELSSON et. al., 2010)

A família e a escola também são consideradas por Schenker e Minayo (2005) elementos fundamentais na construção das redes de proteção. Nation e Heflinger (2006) assim como outros pesquisadores (GUTIÉRREZ, CERDA & NEMEGYEI, 2006, BRONSTROM, SJOSTROM & ANDREÁSSON, 2007, SIGSFÚSDÓTTIR et. al, 2008, BITTENCOURT, GARCIA & GOLDIM, 2015) corroboram esta asserção, ao reafirmar que o acompanhamento familiar dos adolescentes é um fator protetor. Henry (2008) descreve a família, a escola e outros grupos sociais como fontes primárias de socialização bastante positivas ao adolescente. O apego a tais fontes primárias influencia diretamente o não uso de drogas. Por este motivo o autor defende projetos de intervenção direcionados às famílias e ao combate à evasão escolar, dada a sua importância na prevenção do envolvimento de situações de risco para os adolescentes.

Raupp e Sapiro (2009) afirmam que a busca por políticas públicas voltadas aos adolescentes configura-se como uma necessidade, principalmente quanto ao enfrentamento da drogadição. Intervenções orientadas para grupos no início da adolescência demonstraram bons resultados nos estudos de Branstrom, Sjostrom e Andreásson (2008). Atividades esportivas foram relacionadas a uma menor probabilidade de uso de drogas no estudo de HOFFMAN (2006), assim como as atividades extracurriculares e melhoras no desempenho acadêmico na pesquisa de Stronski et. al. (2000).

Estes estudos indicam que fatores de proteção, mais do que influências positivas, são importantes elementos na forma-

ção de adolescentes com atitudes positivas em relação ao mundo e a si mesmos. Como descreveu Branstrom, Sjostrom e Andreásson (2007), atitudes positivas são importantes não só para prevenir o abuso de álcool e drogas, mas para que a probabilidade de uso de tais substâncias seja diminuída a tal ponto que o adolescente nunca faça uso das mesmas.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento quanto aos conhecimentos e comportamentos dos adolescentes que participam das atividades do Projovem Adolescente residentes no território Norte do município de Foz do Iguaçu em relação ao uso e abuso de substâncias psicoativas.

MÉTODO

Participaram da pesquisa 22 adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 18 anos, caracterizados na Tabela 1. Todos os jovens participavam do Projovem Adolescente do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) território Norte de Foz do Iguaçu - PR.

Características	Freq. (n=22)	%
Idade		
14 anos	01	4,5 %
15 anos	12	55,0 %
16 anos	03	13,5 %
17 anos	04	18,0 %
18 anos	02	9,0 %
Sexo		
Masculino	08	36,0%
Feminino	14	64,0%
Escolaridade		
CEBJA 5ª/8ª série	01	4,5%
5ª a 8ª série	11	50,0%
1º a 3º ano EM	09	41,0%
Ensino Médio concluído	01	4,5%
Núcleo familiar (com quem residem)		
Pai e/ou mãe/ irmãos	15	67,0%
Imã/ sobrinhos	02	9,0%
Pai ou mãe/ irmãos/ avós	02	9,0%
Pai/ madrastra/ filhos desta	01	5,0%
Primos	01	5,0%
Avós/ irmãos	01	5,0%

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, que continha questões referentes ao conhecimento sobre drogas (tipos, efeitos e forma de aquisição), a origem de tal conhecimento, comportamento do adolescente frente a droga (se já recebeu oferta, reações, se já fez uso, efeitos observados, motivos que o motivou ao uso e ao término do uso). Também se investigou quais fatores, na percepção deles, levam um jovem a usar, evitar, largar e nunca precisar fazer uso de drogas.

O procedimento de coleta de dados consistiu em convidar os jovens para participar da pesquisa abordando-os nos locais de realização das atividades do Projovem adolescente. Em seguida, realizou-se visita domiciliar para assinatura do termo de consentimento pelos jovens e seus responsáveis. O participante foi entrevistado individualmente, em local reservado na sua casa, e a pesquisadora registrava as respostas por escrito. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da SESA/HT, Protocolo CEP-SESA/HT nº 233/2010.

RESULTADOS

Os dados coletados foram tabulados quanto à frequência e porcentagem de respostas em cada questão do instrumento. As questões abertas foram objeto de análise de conteúdo e classificação em categorias, conforme propõe Moraes (1999), com base na proposta original de Bardin (1977). Após leitura prévia das respostas, foram elaborados critérios para a classificação das mesmas de acordo com o assunto que abordavam. As respostas foram separadas em unidades de análise e categorizadas. Posteriormente foram quantificadas em termos de frequência e porcentagem.

A Tabela 2 apresenta a categorização das respostas dos participantes à questão “o que você sabe sobre as drogas?”.

Tabela 2: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes quanto ao conhecimento que apresentam sobre drogas em geral.

Categorias	%
Que causa problemas sobre a saúde física e psicológica (estraga a vida/ Faz mal para a saúde/ É perigoso/ Não presta/ Quem usa é louco/ Dá câncer/ Pega doença)	35,9%
Que causa dependência (Vicia/ É difícil de parar)	17,0%
Outras respostas	13,2%
Que leva a morte	9,4%
Que causa violência, agressividade e problemas familiares	9,4%
Que levam a criminalidade (Roubam para conseguir/ Fazer coisa errada/ Leva ao crime/ Vai preso	9,4%
Não sei praticamente nada/ Sei pouca coisa	5,7%

Pode-se visualizar na Tabela 2 que os adolescentes pesquisados apresentaram respostas que, no geral, enfatizaram os efeitos da droga no organismo sobre a saúde física e psicológica (35,9%), e o efeito de dependência (17%).

A questão “Com quem você aprendeu o que sabe sobre drogas?” apresentava opções de respostas, sendo possível ao entrevistado selecionar mais de uma: pais; amigos; escola; televisão; internet; outro meio. Dentre os mais citados ficaram a escola (31%), a televisão (26%), os pais e amigos (13% cada). A internet foi citada em apenas 6% das respostas.

Quando questionados sobre “Quais os tipos de drogas existentes?”, as respostas obtidas constataram que 24,5% dos adolescentes entrevistados sabem da existência da maconha e da cocaína; 21% citaram o crack; e 8% o cigarro. Heroína e baque (cocaína endovenosa), ecstasy, lança-perfume, narguile, haxixe, álcool, remédios e anabolizantes também foram mencionados, em menor proporção.

A Tabela 3 apresenta a categorização das respostas dos participantes à questão “Quais os efeitos observados quanto ao uso de drogas?”.

Tabela 3: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes quanto ao conhecimento que apresentam em relação aos efeitos quanto ao uso de drogas em geral.

Categorias	%
Fazem referência a alucinações e transtornos comportamentais (Fica alucinado/ Louco/ Não sabe o que faz/ Fica bobo/ Vê bicho/ Fica doidão/ Fica obcecado/ Faz o que não fazia antes/ Não fala coisa com coisa/ Exnerga coisas/ Fica pirado/ Ri sozinho/ Fica fora de si/ Fica noiada)	27,6%
Fazem referências a Distúrbios físicos (Causa doenças no pulmão/ Cirrose/ Dor de cabeça/ Doenças/ Destrói tudo por dentro/ Dá manchas pelo corpo/ Deixa os olhos vermelhos/ Deixa a boca e o nariz ralados/ Afina o nariz/ muda a aparência/ engorda/ emagrece/ dá fome/ dá sede)	27,6%
Outras respostas	15,5%
Fazem referências a estimulação/ depressão do Sistema Nervoso Central (Deixa ligadona/ Não dorme/ Fica agitada/ Acelerado/ Elétrico/ deixa a pessoa fraca/ lenta)	12,1%
Fazem referência a irritabilidade e comportamento agressivo (Quer brigar/ Fica nervosa/ Fica violenta/ Fica revoltada/ Fica estressada)	10,4%
Tem overdose/ mata	3,5%
Muda a família	3,5%

A Tabela 4 apresenta a categorização das respostas dos participantes à questão “Qual é a forma de se adquirir drogas?”.

Tabela 4: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes quanto ao conhecimento que apresentam em relação a forma de se adquirir drogas.

Categorias	%
Com traficantes (Boca de fumo/ Traficante/ Vendedor de drogas)	25,5%
Com pessoas fora do convívio familiar (amigos/ conhecidos/ pessoas próximas/ más companhias)	21,3%
Conseguindo dinheiro (roubando para conseguir dinheiro/ vende seus objetos para conseguir dinheiro/ pedindo dinheiro/ traficando)	17,0%
Com pessoas com as quais não convive (com qualquer pessoa/ em qualquer lugar/ com pessoas estranhas)	11,0%
Outras respostas	11,0%
Com pessoas que usam drogas (Com quem fuma/ Com viciados)	6,0%
No colégio	5,0%
Em drogarias/ Farmácias	5,0%

Quando questionados se já receberam a oferta de drogas, 55% dos adolescentes entrevistados responderam que sim. Destes, 45% citaram a oferta de maconha, 22% de cocaína e 11% crack. Álcool, cigarro, “papel doce” e ecstasy também foram citados, em

menor proporção. Dos adolescentes que receberam a oferta de drogas, apenas 17% do total confirmaram ter aceitado a oferta uma única vez.

Quando questionados se já fizeram uso de algum tipo de drogas, apenas 23% confirmaram já ter usado drogas. Destes, 43% afirmaram ter feito uso de cigarro, 29% de maconha, 14% de álcool ou narguile. A estes adolescentes foi questionado “o por quê resolveu usar?”, sendo que 40% afirmou que foi para experimentar, 20% porque estavam bêbados, 20% por pressão dos amigos e 20%, por estar em evento festivo. Questionou-se também o motivo pelo qual deixou de usar a droga, sendo que 40% disse que sabia que fazia mal, 20% foram aconselhados pela família, 20% porque não gostou e 20% porque a droga prejudicou sua saúde.

A Tabela 5 apresenta a categorização das respostas à questão “O que você acha que leva um jovem a usar drogas?”.

Tabela 5: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes sobre o que leva um jovem a usar drogas.

Categorias	%
Influência dos pares (Influência dos amigos/ pressão dos amigos/ más companhias/ Status/ Pressão do grupo)	26,0%
Por problemas familiares (Falta de diálogo na família/ problemas em casa/ maus tratos em casa/ brigas em casa/ quando a família não gosta do jovem)	16,7%
Por se sentir vulnerável (quando está mal/ depressão/ quando falta alguma coisa/ quando tem problemas/ quando fica sem noção/ quando não consegue atingir seus objetivos/ quando se sente excluído e rejeitado/ revolta)	16,7%
Outras respostas	7,5%
Em festas	5,5%
Quando está fora de casa/ nas ruas	5,5%
Porque tem vontade/ porque quer	5,5%
Não sabe/ Não tem motivo	5,5%
Pela sensação de ficar chapado	3,7%
Por influência da família (Por causa da família/ comportamento dos pais)	3,7%
Pela situação socioeconômica (pobreza/ desemprego)	3,7%

participantes à questão “o que você acha que levaria um jovem a evitar o uso de drogas?”, a qual buscou identificar possíveis fatores de proteção que, no entendimento dos adolescentes, os levariam a não fazer uso das substâncias.

Tabela 6: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes sobre o que levaria um jovem a evitar o uso de drogas.

Categorias	%
Conhecimento sobre o assunto (Ter consciência/ Saber que faz mal/ ter cabeça/ ser esperto/ conhecer do que se trata/ Ter orientação)	22,2%
Não se deixar levar pelas influência dos pares (Não ir na onda dos amigos/ Não se relacionar com pessoas que usam)	16,7%
Auxílio da família (Conselho dos pais/ conselhos dos parentes/ União, carinho e compreensão dos pais/ Boa relação com os pais)	13,9%
Escola/ Estudo	8,4%
Modalidades de tratamento (Tratamento/ AA/ Clínicas/ Ser internado)	8,4%
Auxílio dos amigos (Conselho dos amigos/ União, carinho e compreensão dos amigos/ Conselhos de alguém de fora)	8,4%
Observando efeitos sobre os outros (Relatos de outras pessoas que já usaram/ Ver o que ocorre com os outros)	5,5%
Situação sócio-econômica adequada (boa condição de vida/ Emprego)	5,5%
Atitude (não ir para o mundo das drogas/ falar não)	5,5%
Outras respostas	5,5%

A Tabela 7 apresenta a categorização das respostas dos entrevistados relacionadas a pergunta: "O que você acha que leva um jovem a largar as drogas?"

Tabela 7: Frequência e porcentagem de respostas dos participantes sobre o que levaria um jovem a largar as drogas.

Categorias	%
Auxílio da família (Ajuda dos parentes/ Ser convencido pelos pais a se tratar/ Apoio da família/ Amor e carinho/ Conselhos)	21,7%
Quando observa os efeitos (quando está quase morrendo e pede ajuda/ Quando vê que um amigo morre de crack/ que não vai chegar a lugar nenhum/ Arrependimento/ perceber que a situação não está ficando boa)	19,6%
Tratamento (Clínica/ Internação/ Ir atrás de um psicólogo)	13,0%
Dificuldade em parar (É difícil sair/ É difícil parar)	10,9%
Ajuda dos amigos	8,7%
Depende da vontade (se quiser mesmo sair, consegue)	6,6%
Sozinho não consegue	6,6%
Auxílio da religião (Quando segue uma religião/ Ir a uma Igreja)	4,3%
Não ter acesso às drogas (Não comprar drogas/ Não aceitar, sair de perto)	4,3%
Outras respostas	4,3%

A Tabela 8 apresenta a categorização das respostas dos adolescentes entrevistados à questão: “O que você que um jovem necessitaria em sua vida para que não precisasse fazer uso de drogas?”, que teve o objetivo de investigar quais os fatores de prevenção ao uso de drogas, de acordo com o ponto de vista do adolescente.

Tabela 8: Frequência e porcentagem das categorias de respostas quanto ao que um jovem necessitaria em sua vida para que não precisasse fazer uso de drogas.

Tabela 8: Frequência e porcentagem das categorias de respostas quanto ao que um jovem necessitaria em sua vida para que não precisasse fazer uso de drogas.

Categorias	%
Bom relacionamento familiar (Família unida/ Carinho/ Conselho dos pais/ Conversar com os pais/ Mais atenção dos pais e familiares/ Muito amor e compreensão da família/ Ter uma boa família/ Apoio da família)	27,5%
Escola (Estudo/ Cursos/ Escola/ Conselhos da Escola)	13,8%
Outras respostas	10,3%
Não se deixar levar pelas influências dos pares (Não ir na influência dos amigos/ Não andar com más companhias/ Não seguir pela cabeça dos outros/ Não conviver com drogado/ Não frequentar lugares onde tem pessoas que usam)	8,6%
Ter uma ocupação (Coisas que ocupam a vida/ Ocupar pra não ficar pensando nisso/ Ocupar a cabeça/ Ter cabeça)	8,6%
Bons relacionamentos (amor e compreensão dos amigos/ Escolar os amigos que anda/ amor pelas pessoas/ Ter boa convivência com os outros)	8,6%
Trabalho	6,9%
Influências positivas na família (Que ninguém em casa fume/ Pais e parentes serem exemplo e nunca usarem/ Não ter violência em casa)	5,2%
Informação sobre as drogas (Mais divulgação sobre como não usar/ Saber o que ela causa, suas consequências, como a pessoa fica)	3,5%
Acabar com a fonte das drogas (Acabar com as plantações de maconha/ acabar com vendas e bocas de fumo)	3,5%
Religião (Acreditar em Deus/ Ir a Igreja)	3,5%

DISCUSSÃO

Conhecimentos dos adolescentes sobre as drogas

Pôde-se observar na presente pesquisa que, quanto aos conhecimentos sobre as drogas, apenas 5,7% dos adolescentes não possui informação alguma. A grande maioria sabe relatar, mesmo que de forma genérica, alguns dos efeitos da droga sobre a saúde física e psicológica, que causa dependência, que pode trazer alterações comportamentais e gerar problemas familiares e

conflitos com a lei.

A aquisição de tais informações é atribuída pelos adolescentes à escola e à televisão. Pais e amigos foram citados em menor porcentagem. Este dado demonstra a importância de se discutir o assunto nas escolas e veicular informação através da mídia, uma vez que são fontes de informação facilmente acessíveis ao adolescente e podem exercer papel significativo na prevenção ao uso de drogas.

Quanto aos tipos de drogas existentes, houve uma diversidade razoável de substâncias nomeadas como “drogas” pelos adolescentes, que foram das mais conhecidas e divulgadas – cocaína, maconha e crack – àquelas possuem efeito nocivo sobre o organismo, mas que não são ilegais, como o cigarro, o álcool e os remédios, as quais muitas vezes nem são consideradas “drogas”, o que pode explicar a baixíssima porcentagem de citações desses últimos (2%).

Quanto aos conhecimentos que possuem sobre os efeitos do uso de drogas, a maior parte das respostas dos adolescentes fez referência a alucinações e transtornos comportamentais e a distúrbios físicos. Quando citaram os transtornos comportamentais, foi interessante notar as diferentes nomeações atribuídas às alterações observadas: alucinado, louco, não sabe o que faz, bobo, parece que está vendo bicho, doidão, pirados, fora de si, ri de coisas que não tem a menor graça, viaja. Alguns dos distúrbios físicos citados disseram respeito a sintomas que visualmente observáveis: engorda, emagrece, fica com os olhos vermelhos, boca e nariz machucados, nariz afinado, machas pelo corpo, fica ligadão, não dorme, dá fome e sede, fica meio lento, agitado ou elétrico.

Os adolescentes entrevistados também demonstraram conhecimento a respeito da forma de se conseguir drogas. As respostas mais frequentes citavam a aquisição da droga com pessoas ligadas ao tráfico, e “bocas de fumo”. Em segundo lugar apareceram as diferentes formas de se conseguir dinheiro para o consumo. As possibilidades citadas referiram-se a atos ilícitos, como roubar ou até mesmo traficar. Ao afirmar isto, os jovens demonstraram conhecimento da relação existente entre as drogas e a criminalidade (MERLINE, JAGER, SCHULENBERG, 2008). Outras respostas, embora em menor porcentagem, revelaram que as drogas podem ser conseguidas com pessoas do convívio social – amigos, pessoas próximas, na escola. O que corrobora pesquisas

como a de Henry (2008), que afirmam que a proximidade com amigos que fazem uso de drogas é um potencial fator de risco para o início do consumo de substâncias psicoativas.

Comportamentos dos adolescentes frente a fatores de risco para o uso de drogas

Investigando o comportamento dos adolescentes frente aos fatores de risco aos quais estão expostos, verificou-se que 55% confirmaram já ter recebido oferta de drogas, e destes, apenas 17% disseram ter aceitado “apenas uma vez”. Embora possivelmente as respostas obtidas não representem integralmente a veracidade nas informações, o comportamento de recusa pode refletir as influências de fatores protetores na forma de ambientes sociais favoráveis ou mesmo de informações recebidas no meio social – escola, família, TV, etc (NATION & HEFLINGER, 2006; SIG-FÚSDÓTTIR et. al., 2008; MERLINE, JAGER, SCHULENBERG, 2008).

Quanto ao uso de drogas, apenas 23% confirmam já tê-lo feito. A droga citada como mais utilizada foi o cigarro, com 43% do total das respostas, sendo a maconha (29%), o narguile (14%) e o álcool (14%) os outros tipos de drogas citados. Interessante notar que, com exceção da maconha, as outras drogas não foram as mais citadas pelos jovens como tipos de drogas existentes. Pode-se hipotetizar que, como o álcool foi citado por pouquíssimos jovens como um tipo de droga, que o seu uso não foi, da mesma forma, considerado como uso de droga, o que justificaria o pequeno número de jovens que afirmaram ter feito uso de drogas, uma vez que o uso do álcool não é reconhecido pela maioria enquanto tal.

Quanto a motivação para o uso, dos 23% dos jovens que confirmaram ter feito uso de drogas, 40% responderam que quiseram experimentar, 20% afirmaram que estavam bêbados, 20% por pressão dos amigos, 20% porque estavam numa festa. De modo geral, este dado corrobora as pesquisas que relacionam o uso de drogas ao convívio e pressão dos amigos usuários (BRANSTROM, SJOSTROM & ANDREÁSSOM, 2007, TOME et al., 2015).

Conhecimentos dos adolescentes sobre fatores de risco para o uso de drogas

Com respeito aos conhecimentos que os adolescentes apresentam sobre fatores de risco ao uso de drogas, as respostas se apresentaram bastante variadas entre os adolescentes entrevistados. Interessantemente, 26% fizeram menção a influência dos pares, fator altamente relacionado ao uso de drogas por muitos pesquisadores (BRANSTROM, SJOSTROM, ANDREÁSSON, 2007; SIGFÚSDÓTTIR et al., 2008; NATION, HEFLINGER, 2006; GUTIÉRREZ, CERDA, NEMGYEI, 2006).

A presença de conflitos familiares foi segundo fator de risco citado pelos adolescentes (16,7% das respostas). Henry (2008), TOME et al., (2015), entre outros, afirma que o afastamento da família pode ser prejudicial ao adolescente, deixando-o mais vulnerável às influências dos pares antissociais. Esse dado corrobora a afirmação do pesquisador e mostra que os adolescentes, de acordo com seus conhecimentos e vivências, percebem que a família exerce papel importante e que a ausência de influências familiares positivas pode tornar seus membros frágeis e mais suscetíveis a influências externas negativas.

Alguns jovens (16,7%) acreditam que a pré-disposição ao uso de drogas está ligada a sentimentos de menos valia, rejeição e de vulnerabilidade. Problemas de ordem emocional também foram citados em outras pesquisas como fator de risco para uso de drogas. Merline, Jager e Sculenberg (2008), assim como BARTHOLOMEU et al., (2014) chegaram a conclusão de que jovens depressivos e ansiosos apresentam maior incidência de uso de álcool e outras drogas.

Outros fatores citados como relacionados ao uso de drogas, embora em menor porcentagem, foram frequentar festas/ruas, a própria vontade do jovem, a situação socioeconômica precária da família, a sensação experimentada, e o próprio comportamento dos pais, enquanto usuários de drogas.

Conhecimentos dos adolescentes sobre fatores de proteção para o uso de drogas

Com respeito aos conhecimentos que os adolescentes apresentam sobre fatores de proteção ao uso de drogas, buscou-se investigar o que os adolescentes participantes da pesquisa pensam que levaria um jovem a evitar o uso de drogas. De modo geral, 22,2% das respostas relacionavam a informação sobre o assunto à prevenção. Nenhum dos estudos citados faz menção

a este fator de proteção de forma direta. Contudo, quando os autores estudados citam que a família (STRONSKI et al., 2000; SIGFÚSDÓTTIR et al., 2008; GUTIÉRREZ, CERDA & NEMEGYEI, 2006) e políticas públicas voltadas ao adolescente (RAUPP, SAPIRO, 2009; BRANSTROM, SJOSTROM & ANDREÁSSON, 2008; SIGFÚSDÓTTIR et al., 2008) constituem-se em fatores protetores pode-se supor que isto inclua o fornecimento de informação. Em segundo lugar, os adolescentes entrevistados citam o afastamento da influência dos pares (16,7% do total de respostas) e ao auxílio da família (13,9%), seja por meio dos conselhos/ orientações, do bom relacionamento, ou da expressão de carinho e proximidade.

Sobre o que leva um jovem a abandonar o uso de drogas, mais uma vez a família foi citada como principal fator de proteção para a amostra estudada, com 21,7% do total de respostas. O apoio da família pareceu ser fundamental para o tratamento e recuperação do ponto de vista dos adolescentes entrevistados, tanto no convencimento pela busca de ajuda, quando na acolhida ao jovem usuário. Observa-se que, tanto para não usar, quanto para abandonar as drogas, os jovens reconhecem o valor do apoio familiar. Os modelos familiares positivos e um bom relacionamento entre os membros da família parece fornecer a segurança necessária para o enfrentamento de situações de risco e para o ajustamento social. Parei aqui.

A escola e demais instituições relacionadas aparecem em seguida, sendo reconhecidas pelos jovens participantes da pesquisa como fator protetor. Ir a escola, fazer cursos, o estudo em si, além de informar o jovem, incentivá-lo a conhecer e produzir conhecimento, mantém o jovem ocupado e permite sua socialização com outros jovens, de forma positiva. As atividades curriculares e extracurriculares foram consideradas importantes fatores protetores em várias pesquisas (STRONSKI et al., 2000, HOFFMAN, 2006; HENRY, 2008). Ter uma ocupação foi citado em apenas 8,6% das respostas, o que sinaliza que o jovem relaciona muito pouco as atividades produtivas enquanto fatores protetores que os mantém afastados de outras, mais prejudiciais. O trabalho, da mesma forma, apareceu em apenas 6,9% das respostas.

Importante se faz mencionar que a influência dos pares foi pouco citada pelos jovens entrevistados enquanto fatores de proteção (8,6%). Poucos jovens parecem acreditar que bons amigos os mantêm afastados de situações de risco. Ao mesmo tempo, não se deixar levar por influências negativas dos amigos,

assim como amigos usuários de drogas, são também comportamentos pouco reconhecidos pelos adolescentes entrevistados enquanto protetores.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa trouxe informações importantes a respeito da identificação de fatores protetores e de risco para uso de drogas entre os jovens entrevistados. Construir estratégias interventivas torna-se muito mais efetivo quando se tem acesso ao que os jovens conhecem, do que realmente importa a eles. Muitas políticas direcionadas ao adolescente falham neste aspecto: formulam intervenções sem realizar diagnóstico com o levantamento das reais necessidades junto ao grupo ao qual se vai intervir.

De modo geral, pode-se resumir assim os achados da pesquisa: os adolescentes entrevistados sabem que a droga é perigosa, que causa problemas para a saúde física e psicológica; disseram que o que sabem sobre drogas foi aprendido na escola, na televisão e com pais e amigos; conhecem prioritariamente a maconha, a cocaína e o crack; quanto aos efeitos da droga no organismo relatam distúrbios físicos, alucinações e transtornos comportamentais; sabem que as drogas podem ser adquiridas com traficantes nas “bocas de fumo”, mas também relatam facilidade para conseguir com pessoas próximas.

Quanto aos conhecimentos e comportamentos frente aos fatores de risco, a maioria relatou que embora tenha recebido oferta de droga, até o momento não tinha feito uso; mas dos que disseram ter feito uso, a o tabaco e a maconha foram os mais utilizados, afirmando que a principal motivação foi a curiosidade, a vontade de experimentar; relataram que o que levaria um jovem a usar drogas seria em primeiro lugar as más companhias (influência dos pares) e em segundo lugar conflitos familiares.

Quanto ao conhecimento sobre fatores de proteção, relataram que o que levaria um jovem a evitar o uso de drogas seria o conhecimento sobre o assunto, e uma postura firme, não influenciável pelos amigos; dizem ser a família uma forte motivação para ajudar o jovem a deixar as drogas, seguido da observação dos efeitos nocivos; e finalmente que um bom relacionamento familiar, assim como orientações na escola preveniriam eficazmente, na opinião da maioria, o uso de drogas por parte do jovem.

CONHECIMENTOS E COMPORTAMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE FATORES DE RISCO PARA USO DE DROGAS

Os dados obtidos mostraram que, de forma geral, os jovens entrevistados conhecem a realidade das drogas, porém ainda esse conhecimento configura-se como parcial, incompleto, impreciso, carecendo de mais estruturação para fortalecer o jovem no enfrentamento dessa problemática. E parece que isso passa por duas diretrizes apontadas pela pesquisa: tratar exaustivamente do assunto “droga” de acordo com a particularidade da faixa etária, formando através da informação; e envolver o jovem e sua família na construção e na participação das ações comunitárias de prevenção. A família deve ser o foco das ações, a base das intervenções, respeitando-se sua cultura e demais valores fundamentais ao seu funcionamento.

Considerando as características da amostra pesquisada, os dados aqui obtidos podem não ser aplicáveis, e não representar a percepção de outros grupos adolescentes, embora semelhanças possam ser encontradas. Mais estudos, e com amostras mais amplas seriam necessários para expandir tais achados. Porém, como já dito, é importante ouvir o que o jovem tem a dizer, e desta fala construir e reconstruir práticas voltadas ao fortalecimento de suas potencialidades, que devem ser identificadas e trabalhadas. Este é um dos caminhos para o enfrentamento das vulnerabilidades.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J.M.; JANDOSA, J.A.; CECATO, J.F.; AFONSO, A.M. Emoções morais de adolescentes em situação de risco. *Psicologica*, V.57, n.2, 2014, p.p. 111-128.

BITTENCOURT, A., GARCIA, L., GOLDIM, J. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. *Revista Bioética*, Brasília, V.23, n.2, jul. 2015, p.p 311-319

BRASIL. Adolescências, juventudes e socioeducativo : concepções e fundamentos / 1ª. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 56 p. (Projovem Adolescente : Serviço Socioeducativo)

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. São Paulo: Saraiva, 1995. 210p.

BRANSTROM, R.; SJOSTROM, E.; ANDREÁSSON, S. Individual, group and community risk and protective factors for alcohol and drug use among Swedish adolescents. *European Journal of Public Health*. V. 18, No. 1, 2007, p.p. 12–18

DANIELSSON, A. K., WENNERBERG, P., TENGSTROM, A., ROMELSJÖ, A. Adolescent alcohol use trajectories: Predictors and subsequent problems. *Addictive Behaviors*. V. 35, 2010, p.p. 848-852.

GLASER, B., SHELTON, K.H., BREE, V.M. The moderating role of close friends in the relationship between conduct problems and adolescent substance use. *Journal of Adolescent Health*, V. 47 (1), 2010, p.p. 35-42.

GUTIÉRREZ, B. L. N.; CERDA, Oscar R.; NEMEGYEI, J. A. Why do adolescents use drugs? A common sense explanatory model from the social actor's perspective. *Adolescence*. V. 41. No. 164, 2006, p.p. 649-665.

HAWKINS, D. N.; AMATO, P.R.; KING, V. Nonresident Father Involvement and Adolescent Well-Being: Father Effects or Child Effects?. *American Sociological Review*. V. 72, 2007, p.p. 990-1010.

HENRY, K. L. Low Prosocial Attachment, Involvement With Drug-Using Peers, and Adolescent Drug Use: A Longitudinal Examination of Mediation Mechanisms. *Psychology of Addictive Behaviors*. V. 22, No. 2, 2008, p.p. 302–308.

HOFFMAN, J.P. Extracurricular Activities, Athletic Participation, and Adolescent Alcohol Use: Gender-Differentiated and School-Contextual Effects. *Journal of Health and Social Behavior*. V. 47, No. 3 (Sep., 2006), 2006, p.p. 275-290.

JINEZ, L. J.; SOUZA, J. R. M.; PILLON, S. C. Drug use and risk factors among secondary students. *Rev Latino-am Enfermagem*. V. 17(2), março-abril, 2009, p.p. 246-52.

MARCONI, M.A., LAKATOS, E.M.. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas 7 ed., 2010.

MERLINE, A., JAGER, J., SCHULENBERG, J.E. Adolescent risk factors for adult alcohol use and abuse: stability and change of predictive value across early and middle adulthood. *Addiction*. V. 103 (Suppl. 1), 2008, p.p. 84–99.

CONHECIMENTOS E COMPORTAMENTOS DE ADOLESCENTES SOBRE FATORES DE RISCO PARA USO DE DROGAS

MIDFORD, R. Drug prevention programmes for young people: where have we been and where should we be going? *Addiction* V. 105(10), 2010, p.p. 1688-1695.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, V. 22, n. 37, 1999, p.p. 7-32.

MULLER, A.C., PAUL, L., SANTOS, N.I.S. Prevenção às drogas nas escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção em saúde. *Estudos em Psicologia*; V. 25(4), 2008, p.p. 607-616.

NATION, M., HEFLINGER, A. Risk Factors for Serious Alcohol and Drug Use: The Role of Psychosocial Variables in Predicting the Frequency of Substance Use Among Adolescents. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*. V. 32, 2006, p.p. 415-433.

PAPALIA, D. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, Artmed 10ª Ed., 2010.

RAUPP, L., MILNITSKY-SAPIRO, C. Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, V. 26, n. 4, 2009, p.p. 445-454.

SCHENKER, M, MINAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*. V. 10(3), 2005, p.p. 707-17.

SIGFÚSDÓTTIR, I.D., THORLINDSSON, T., KRISTJÁNSSON, A.L., ROE, K.M., ALLEGRANTE, J.P. et al. Substance use prevention for adolescents: the Icelandic Mode. *Health Promotion International*. V. 24 No. 1, 2008, p.p. 16-25.

STRONSKI, S. M. et al. Protective Correlates of Stages in Adolescent Substance Use: A Swiss National Study. *Journal of Adolescent Health*. V. 26, 2000, p.p. 420-427.

TOME, G. et al. Influence of family and friends in wellbeing and risk behavior: Explanatory model. *Psic., Saúde & Doenças*, V. 16, n. 1, mar. 2015, p.p. 23-34.